

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES - CELA  
LICENCIATURA EM LETRAS-LIBRAS**

**DANIEL MARTINS BRAGA GOMES  
SEBASTIÃO ALVES PEREIRA**

**A INTERAÇÃO ENTRE PAIS SURDOS E SEUS FILHOS:  
RELATOS SOBRE A AQUISIÇÃO E USO DA LÍNGUA DE SINAIS  
NO AMBIENTE FAMILIAR**

**RIO BRANCO  
2021**

**DANIEL MARTINS BRAGA GOMES  
SEBASTIÃO ALVES PEREIRA**

**A INTERAÇÃO ENTRE PAIS SURDOS E SEUS FILHOS:  
RELATOS SOBRE A AQUISIÇÃO E USO DA LÍNGUA DE SINAIS  
NO AMBIENTE FAMILIAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Acre como requisito  
parcial para a obtenção do título de Licenciados  
em Letras-Libras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Vivian Gonçalves Louro  
Vargas

**RIO BRANCO  
2021**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

G633i Gomes, Daniel Martins Braga, 1982 -  
A interação entre pais surdos e seus filhos: relato sobre a aquisição e uso da  
língua de sinais no ambiente familiar/ Daniel Martins Braga Gomes e Sebastião  
Alves Pereira; Orientadora: Ma. Vivian Gonçalves Louro Vargas. -2021.  
35 f.: il.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do  
Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Curso de Licenciatura em Letras  
Libras, Rio Branco, 2021.

Inclui referências bibliográficas.

1. Língua de sinais. 2. Interação. 3. Pais surdos. I. Pereira, Sebastião Alves  
(Coautor). II. Vargas, Vivian Gonçalves Louro. (Orientadora). III. Título.

CDD: 419

---

**DANIEL MARTINS BRAGA GOMES  
SEBASTIÃO ALVES PEREIRA**

**A INTERAÇÃO ENTRE PAIS SURDOS E SEUS FILHOS:  
RELATOS SOBRE A AQUISIÇÃO E USO DA LÍNGUA DE SINAIS  
NO AMBIENTE FAMILIAR**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras-Libras, na Universidade Federal do Acre.

Rio Branco, 26 de julho de 2021.

Banca examinadora

*Vivian Gonçalves Louro Vargas*

---

**Profa. Ma. Vivian Gonçalves Louro Vargas (Orientadora)**

*Lucas Vargas Machado da Costa*

---

**Prof. Esp. Lucas Vargas Machado da Costa (UFRR)**

*Shelton Lima de Souza*

---

**Prof. Dr. Shelton Lima de Souza (UFAC)**

RIO BRANCO

2021

## **AGRADECIMENTOS**

### **DANIEL**

Primeiramente, agradeço a Deus, meu Senhor, pelo trabalho, coragem, sinceridade que superaram os desafios na minha vida.

Agradeço à minha linda mulher, Rosicléia Gomes, grandemente, pelo seu apoio e pela paciência.

À minha filha, Eloah Gomes, você é o sorriso e a alegria do Senhor nos momentos difíceis.

Aos meus pais, Nei e Claudia, que me ajudaram em oração e intercessão, que me motivaram, nos momentos difíceis.

Aos meus irmãos, Ana Claudia e Rafael, que se esforçaram para me apoiar e oraram, com amor.

Ao meu amigo e parceiro de TCC, Sebastião Pereira, pela sua paciência e pelo seu sacrifício comigo.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Ma Vivian Vargas, pelas suas correções, pela paciência e pelo sacrifício.

À minha querida professora da disciplina, Dra. Rosane Garcia, pelas suas orientações ricas que nos esclareceram nas disciplinas de TCC I e II.

Aos meus professores, de todas as disciplinas do curso de Letras-Libras, que durou 4 (quatro) anos, na UFAC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE, pelo que me ensinaram com o amor, paciência e delicadeza.

Às minhas queridas intérpretes de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), Rosiene Santos e Juliana Bernardino, que me acompanharam no curso, que trabalhando com sinceridade, responsabilidade e respeito.

Aos TILPS (Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa) Fernando, Sônia, Diemes, João Xavier, Bruna Larissa e Adryenne, que também ajudaram na interpretação no curso de Letras-Libras.

Aos meus colegas, que durante todo o curso de Letras-Libras, me ensinaram e trocaram as experiências.

E, por último, ao nosso coordenador, prof. Dr. Alexandre Melo, e à ex-coordenadora, Profa. Dra. Nina Araújo, agradeço também pelo apoio e por tudo durante curso de Letras-Libras.

## **SEBASTIÃO**

Agradeço a Deus, primeiramente, pela oportunidade de finalizar este trabalho de conclusão de curso, por mais uma vitória que Ele me concedeu, em meio às lutas e às oportunidades.

Aos coordenadores do curso de Letras-Libras, Prof. Dr. Alexandre Melo e Prof<sup>a</sup>. Dra. Nina Rosa.

À Prof<sup>a</sup>. Ma. Vivian Vargas, que nos orientou em todo processo e organização do nosso TCC, pela paciência, pelo ensino. Sabemos que não foi fácil! Professora sempre preocupada, dando devolutivas, correções, às entrevistas, pesquisas de autores para o nosso TCC. Que Deus abençoe ricamente e proteja nossa querida professora Vivian Vargas.

À Prof<sup>a</sup>. Dra. Rosane Garcia pela construção e orientação em suas disciplinas de TCC I e II.

A todos os professores do curso de Letras-Libras que me apoiaram, ensinaram, e tiveram empatia, e consideraram minha cultura singular e única interagindo comigo com amizade e igualdade durante esses 4 anos de curso.

À minha mãe Francisca, a meu padrasto Cícero, e a meu irmão Antônio pela ajuda e incentivo em minha trajetória acadêmica.

À minha esposa Regina, que sempre me ajudou e me incentivou nos estudos e trabalho tendo paciência sempre amorosa; e às minhas filhas, Kelly e Lorena.

À minha sogra, Maria, que me incentivou e me ajudou em tempos difíceis.

Às tradutoras/intérpretes de Língua Brasileira de Sinais, que me acompanharam no decorrer do curso, as queridas e amigas Rosiene Santos e Juliana Bernardino.

Aos intérpretes que me apoiaram em alguns momentos do curso: Sônia, Diemes, Elisângela, Adryenne e Bruna.

Ao meu Pastor e amigo Daniel, pela interação, aprendizagem, pelos estudos, pesquisas e entrevistas que fizemos, e por nossa amizade eterna.

E, por fim, aos amigos acadêmicos do curso que compartilharam e aprenderam com a experiência de ter duas línguas em contato, envolvidas nesse processo de aprendizagem e interação, muito obrigado.

## RESUMO

Os surdos se deparam, em seu dia a dia, com dificuldades para interagir em diversos setores sociais, visto à maioria das pessoas ser ouvinte, usuária de línguas orais-auditivas, e desconhecadora das línguas de sinais. A partir desse fato, buscou-se, então, verificar como é a interação no ambiente familiar, mais especificamente, entre os surdos e seus filhos. Dessa forma, a presente pesquisa propôs investigar, a partir de entrevistas com surdos, questões relacionadas à aquisição/aprendizagem e uso da língua de sinais, por seus filhos. Foram convidados a participar surdos que têm filhos surdos e surdos que têm filhos ouvintes para, assim, podermos observar como é a relação com a língua de sinais, a comunicação/interação, as dificuldades percebidas pelos pais em situações do dia a dia, registrando um pouco do que os surdos sentem e sua visão em relação à interação com aqueles que estão mais próximos – os filhos. Entre os especialistas que nortearam a pesquisa está Quadros (2017) que trata sobre questões relacionadas à língua que os pais surdos deixam para seus filhos e Grolla (2009), apresentando discussões sobre a aquisição de língua(gem). Foram entrevistados cinco surdos, sendo que três deles têm filhos ouvintes e os outros dois surdos, têm filhos surdos e ouvintes. Observamos que os surdos utilizam a Libras para interagir com seus filhos, independentemente de serem surdos ou ouvintes, e isso propicia a aquisição da língua de sinais. Com os outros membros da família, os filhos dos surdos, especificamente aqueles que são ouvintes, interagem utilizando a língua portuguesa; aqueles que são surdos, interagem gesticulando e apontando, pois a quase totalidade dos outros componentes do núcleo familiar não utiliza a língua de sinais. Assim, concluímos que a interação entre os pais surdos e seus filhos ocorre de forma natural, a partir do uso da Libras, sendo a língua portuguesa aprendida, entre outros, pelo contato com outros familiares e, na forma escrita, na escola.

**Palavras-chave:** Língua de sinais. Interação. Pais surdos. Filhos.

## ABSTRACT

Deaf people face, in their daily lives, difficulties to interact in various social sectors, because most people are hearing, use oral-auditory languages, and are unaware of sign languages. Based on this fact, we sought to verify how the interaction in the family environment is, more specifically, between deaf people and their children. Thus, this research proposed to investigate, from interviews with deaf people, issues related to the acquisition/learning and use of sign language by their children. Deaf people who have deaf children and deaf people who have hearing children were invited to participate, so that we could observe how the relationship with sign language, communication/interaction, the difficulties perceived by parents in everyday situations is, recording a little about what deaf people feel and their views on interacting with those closest to them – their children. Among the specialists who guided the research are Quadros (2017) who deals with issues related to the language that deaf parents leave to their children and Grolla (2009), presenting discussions on language acquisition (gem). Five deaf people were interviewed, three of whom have hearing children and the other two have deaf and hearing children. We observed that deaf people use Libras to interact with their children, regardless of whether they are deaf or hearing, and this allows for the acquisition of sign language. With the other members of the family, the children of the deaf, specifically those who are hearing, interact using the portuguese language; those who are deaf interact by gesturing and pointing, as almost all of the other members of the family do not use sign language. Thus, we conclude that the interaction between deaf parents and their children occurs naturally, from the use of Libras, with the Portuguese language being learned through contact with other family members and, in written form, at school.

**Keywords:** Sign language. Interaction. Deaf parents. Sons and daughters.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Paris/França. ....	13
Figura 2 - Abade Charles Michel de L'Épée.....	13
Figura 3 - Thomas Hopkins Gallaudet. ....	14
Figura 4 - Ernest Huet.....	16
Figura 5 - Instituto Nacional de Educação de Surdos/INES .....	16

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>O SURDO E A LÍNGUA DE SINAIS: DE SUA PROIBIÇÃO AO RECONHECIMENTO LEGAL.....</b>	<b>12</b>
2.1	BREVE HISTÓRICO.....	12
2.2	VIVÊNCIAS COMO SURDOS: A INTERAÇÃO NO AMBIENTE FAMILIAR.....	18
2.2.1	<b>Relato de Daniel.....</b>	<b>18</b>
2.2.2	<b>Relato de Sebastião.....</b>	<b>20</b>
<b>3</b>	<b>AQUISIÇÃO DA LÍNGUA(GEM).....</b>	<b>22</b>
3.1	LÍNGUA DE HERANÇA: A LÍNGUA QUE OS PAIS SURDOS DEIXAM PARA OS FILHOS.....	24
<b>4</b>	<b>RELATOS DE PAIS SURDOS: AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM E USO DA LIBRAS EM AMBIENTE FAMILIAR.....</b>	<b>26</b>
4.1	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	26
4.2	ENTREVISTA.....	27
4.2.1	<b>Maria.....</b>	<b>27</b>
4.2.2	<b>Ariel.....</b>	<b>28</b>
4.2.3	<b>Bruno.....</b>	<b>29</b>
4.2.4	<b>Victor.....</b>	<b>29</b>
4.2.5	<b>Veronica.....</b>	<b>30</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Pelo fato de vivermos em uma sociedade na qual a maioria das pessoas é ouvinte, percebe-se que, em muitas situações, inclusive no ambiente familiar, os surdos têm dificuldade em interagir e em se comunicar, visto as línguas orais-auditivas serem as mais utilizadas.

Dessa forma, como surdos, fomos instigados a dar voz a outros surdos para que contassem sobre suas vivências no ambiente familiar, especialmente com seus filhos, registrando suas perspectivas em relação à Libras, à interação, dificuldades sentidas, entre outros. Foi feito um questionário com perguntas relacionadas ao tema para que os pais surdos pudessem falar como é a relação deles e dos filhos com a língua de sinais, contando como foi o processo de aquisição/aprendizagem da língua por seus filhos, quais as dificuldades durante o desenvolvimento deles, inclusive em relação à inserção na escola.

Sabe-se que a interação é primordial no estabelecimento do vínculo familiar e emocional, entre pais e filhos, pois se esse contato com o tempo se perde então a comunicação é truncada, distanciando pais e filhos que moram na mesma casa. Esse contato se perpetua não somente na língua, mas em todos os aspectos emocionais, educacionais, culturais, sociais desse indivíduo, contribuindo em sua formação.

É fundamental o acompanhamento dos pais surdos no decorrer da vida da criança até sua fase de independência como sujeito, que faz parte de uma sociedade, contribuindo para que haja conhecimento e interação em duas línguas: a de sinais, língua visual-espacial utilizada pela maioria dos surdos, e o português, no caso do Brasil, língua oral-auditiva majoritária. Como é a interação no ambiente familiar, entre os pais surdos e seus filhos? A língua de sinais é utilizada? A interação com os filhos surdos e com os ouvintes ocorre de forma similar, ou há diferenças? Esses são alguns questionamentos que foram feitos para verificar um pouco dessa vivência entre dois “mundos” diferentes, o dos surdos e o dos ouvintes.

Segundo Negretti (2016),

O contato profundo com os pais, familiares e cuidadores nos primeiros anos de vida é fundamental para o desenvolvimento da criança, principalmente o cognitivo. Ainda que o cérebro nunca pare de se desenvolver, são nos três primeiros anos que ocorrem as principais transformações nele. Seu potencial nessa fase é enorme, maior que em qualquer outra da vida.

Por esse motivo, buscou-se verificar como os pais surdos vivenciaram esses primeiros momentos: como eles cuidaram, exploraram, estimularam os seus filhos ouvintes/surdos. Negretti (2016) aponta o princípio do amor, independentemente de serem surdos ou ouvintes, para esse vínculo se desenvolver, desde o momento em que sabemos que seremos pais: oralizar será substituído por sinalizar; o cantar, por vídeos em Libras que irão também contribuir para o aprendizado, estímulo cognitivo; contar, agrupar, comparar, brincar, se expressar, movimentar, essas atividades, realizadas no convívio dos pais com seus filhos, são de extrema riqueza, contribuindo para o desenvolvimento das crianças e o estreitamento de laços familiares. É preciso que os pais surdos administrem o tempo, trabalho, conversem com seus filhos, utilizem a língua de sinais, para que ela seja internalizada e para que as crianças aprendam a valorizá-la. Dessa forma, registramos, através das falas de pais surdos como foram alguns desses momentos de contato e aprendizagem dos seus filhos, trazendo pontos positivos e negativos.

A pesquisa está organizada em quatro capítulos, sendo o primeiro, a “Introdução” do texto, no qual se buscou mostrar os direcionamentos escolhidos para o trabalho; no segundo, intitulado “O surdo e a língua de sinais – de sua proibição ao reconhecimento legal”, são trazidas algumas questões relacionadas à exclusão/inclusão dos surdos e da língua de sinais pela sociedade. O capítulo seguinte, “Aquisição da língua(gem)”, discorre sobre questões relacionadas à aquisição da língua, mostrando que surdos e ouvintes, em condições favoráveis, passam pelas mesmas etapas de aquisição de língua; também é abordada a questão da língua de herança que os surdos deixam para seus filhos e feita uma apresentação sobre os CODAs, os chamados filhos ouvintes, de pais surdos. Na parte final do trabalho, são apresentadas e analisadas as entrevistas realizadas com cinco pais surdos, dos quais três têm filhos ouvintes, e dois têm filhos ouvintes e surdos.

Percebemos que nas pesquisas realizadas por Santiago *et al.* (2019) e por Oliveira (2018), a temática da interação no ambiente familiar é trazida à discussão, porém, com uma outra perspectiva, focando-se na comunicação entre os pais ouvintes com seus filhos surdos. Entretanto, apesar de focos diferentes, tem-se em comum, a detecção de que a utilização da língua de sinais é essencial para que a interação aconteça de forma significativa.

Assim, esse trabalho visa, então, colaborar com a comunidade acadêmica em suas pesquisas, contribuindo com registros, a partir de uma perspectiva dos surdos, sobre questões relacionadas à aquisição da língua de sinais e do português, por seus filhos, e os desafios entre as duas línguas no ambiente familiar. Além disso, ao relatarem que a interação ocorre de forma natural, com seus filhos, mostra-se que a língua de sinais é completa e que todos os assuntos podem ser tratados a partir da sinalização, cooperando para a redução de estigmas e preconceitos em relação às línguas visuais espaciais.

## 2 O SURDO E A LÍNGUA DE SINAIS: DE SUA PROIBIÇÃO AO RECONHECIMENTO LEGAL

O capítulo que se inicia traz alguns pontos relacionados à exclusão/inclusão dos surdos e da não aceitação das línguas de sinais, ao longo dos anos, apresentando questões relacionadas à educação dessas pessoas e ao reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), em 2002, pela Lei 10.436.

### 2.1 BREVE HISTÓRICO

A história dos surdos foi, e ainda é, marcada por muitas lutas, e muitas delas voltadas para a busca do direito de se comunicarem utilizando uma língua visual. Eles não podiam se casar, receber herança ou participar da vida em sociedade, pois eram escondidos em sua casa junto com seus pais; muitos foram mortos, jogados ao mar, queimados ou abandonados em florestas (STROBEL, 2009).

Conforme enfatiza Sá:

Em síntese, a história dos surdos, contada pelos não surdos, é mais ou menos assim: primeiramente os surdos foram 'descobertos' pelos ouvintes, depois eles foram isolados da sociedade para serem 'educados' e afinal conseguirem ser como os ouvintes; quando não mais se pôde isolá-los, porque eles começaram a formar grupos que se fortaleciam, tentou-se dispersá-los, para que não criassem guetos (SÁ, 2002, p. 3).

Sendo assim, durante muitos anos, a educação dos surdos foi ignorada, pois, por não "falarem"<sup>1</sup>, eram vistos como pessoas incapazes de aprender. Aristóteles era defensor de que a audição era, dentre todos os sentidos que o ser humano tem, a principal responsável na aquisição conhecimento e aprendizado (STROBEL, 2009).

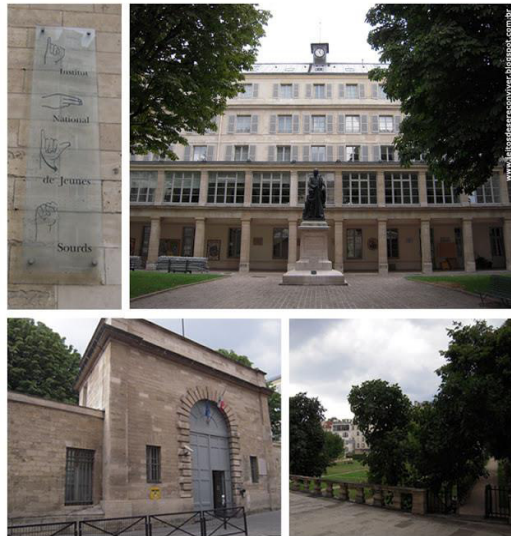
Girolamo Cardano (1501-1576), médico italiano, percebeu, no século XVI, que a ausência de audição e da fala não impossibilitavam os surdos de adquirirem conhecimento. Defendeu o ensino através da escrita como sendo o método mais apropriado para a aprendizagem dessas pessoas (STROBEL, 2009).

---

<sup>1</sup> O verbo "falar" está sendo utilizado para se referir à utilização da língua majoritária em sua modalidade oral, pelos surdos. Importante salientar que esses têm capacidade para desenvolver essa habilidade, visto, em sua maioria, não apresentarem problemas no aparelho fonador.

No século XVIII, foi fundada uma escola direcionada a esses indivíduos. Em 1755, L'Épée criou a primeira instituição francesa para o ensino de surdos, que chegou a 60 alunos, à época. Utilizou sinais que inventou para os alunos se comunicarem entre si, os chamados “sinais metódicos”, utilizados para desenvolver a linguagem escrita. Essa escola era privada, até que, em 1791, foi transformada no Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Paris (ROCHA, 2008).

Figura 1 - Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Paris/França



Fonte: Vasconcelos (2015).

A partir dessa iniciativa, outros países voltaram seus olhares para a educação dos surdos. Tem-se o registro, em 1789, de 21 escolas para surdos, sendo algumas fundadas por Abade Charles Michel de L'Épée, na Europa, e outras por Thomas Hopkins Gallaudet, nos Estados Unidos, expandindo a língua através da fluência dos professores surdos (SACKS, 1989).

Figura 2 - Charles Michel de L'Épée



Fonte: Rocha (2008)

Figura 3 - Thomas Hopkins Gallaudet



Fonte: Rocha (2008)

A educação de surdos vinha sendo melhorada a cada ano, tendo a participação dos professores surdos e o uso dos sinais. Entretanto, em 1880, aconteceu o Congresso Internacional de Educadores de Surdos, em Milão, na Itália. Foi feita uma votação, na qual se proibiu oficialmente o uso da língua de sinais na educação de surdos. Este congresso foi organizado por especialistas ouvintes, que eram a favor do oralismo puro, totalizando 164 delegados, sendo 56 oralistas franceses e 66 italianos. Alexandre Graham Bell teve grande influência nesse congresso. Os únicos países que aceitaram a língua de sinais foram os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, que tinham como representantes professores surdos, que eram poucos no congresso. A partir daí, ficou estabelecida como filosofia para educação de surdos, o oralismo (STROBEL, 2009). Conforme esclarece Soares, o oralismo é:

[...] processo educacional pelo qual se pretende capacitar o surdo na compreensão e na produção da linguagem oral e que parte do princípio de que o indivíduo surdo, mesmo não possuindo o nível de audição para receber os sons da fala, pode se constituir como interlocutor por meio da linguagem oral (SOARES, 1999, p. 1).

O foco da educação da pessoa surda passou a ser o desenvolvimento da fala, aproveitamento dos resquícios de audição e treinamento para a utilização da leitura labial, para que o surdo conseguisse participar de forma efetiva na sociedade. No entanto, essa filosofia de educação para surdo não foi apropriada, pois, mesmo



com todo o treinamento, a maioria não conseguia interagir oralmente, nem mesmo com os mais próximos (STROBEL, 2009).

A dificuldade de interação no ambiente familiar pode ser observada, inclusive, no relato da surda Laborit (1993), ao contar sobre a relação entre ela e sua mãe, antes de conhecer a língua de sinais:

[...] era instintivo, animal, chamo-a de “umbilical”. Tratava-se de coisas simples, como comer, beber, dormir. Minha mãe não me impedia de gesticular, como lhe haviam recomendado. Não tinha coragem de me proibir. Tínhamos signos nossos completamente inventados (LABORIT, 1993, p. 13).

Com o tempo, percebeu-se que o oralismo não estava sendo a escolha mais adequada para o trabalho com os surdos. Começou, então, a ser usada, a Comunicação Total (CT), um modelo baseado no uso de recursos variados, buscando facilitar a comunicação com os surdos. A comunicação total, segundo Denton *apud* Freeman *et al.* (1999):

[...] inclui todo o espectro dos modos linguísticos: gestos criados pelas crianças, língua de sinais, fala, leitura oro-facial, alfabeto manual, leitura e escrita. A Comunicação Total incorpora o desenvolvimento de quaisquer restos de audição para a melhoria das habilidades de fala ou de leitura oro-facial, através de uso constante, por um longo período de tempo, de aparelhos auditivos individuais e/ou sistemas de alta-fidelidade para amplificação em grupo (DENTON *apud* FREEMAN *et al.* 1999, p. 171).

Goldfeld (1997) esclarece que a comunicação total denota pontos positivos, visto ser o momento em que a língua de sinais começa a ter maior aceitação, e pontos negativos. Entre os negativos, está o de que, na Comunicação Total, não havia respeito à estrutura gramatical da língua de sinais, pois os sinais eram trazidos para a estrutura da língua oral. Assim, esse modelo, foi deixando de ser utilizado, buscando-se por um modelo educacional que respeitasse a estrutura da língua de sinais e as especificidades dos surdos.

Dessa forma, chegou-se à proposta do bilinguismo, que é um modelo educacional que considera as especificidades do sujeito surdo e da língua de sinais. Nele, o surdo é visto com capacidades cognitivas iguais às dos ouvintes, porém com identidade (s) e cultura próprias, participante da comunidade surda, que se apropria e interage com o mundo a partir de sua língua, e de recursos visuais. A língua de

sinais é defendida como primeira língua dos surdos, e o português escrito, como sua segunda língua (GOLDFELD, 1997).

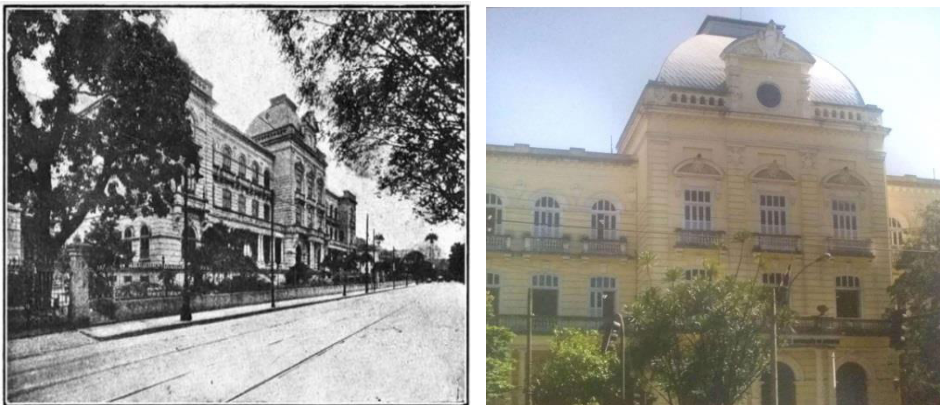
No Brasil, a educação da pessoa surda, em um ambiente formal, teve início em 1855, quando um professor surdo francês, Ernest Huet, vindo do Instituto de Surdos de Paris, propôs a D. Pedro II, a criação de uma escola para surdos, no Rio de Janeiro. Foi então fundado o Instituto Nacional de Educação de Surdos/INES, (ROCHA, 2008).

Figura 4 - Ernest Huet



Fonte: Rocha (2008)

Figura 5 - Instituto Nacional de Educação de Surdos/INES



Fonte: Rocha (2008)

Desde a fundação do instituto, os surdos brasileiros vêm lutando por respeito às suas especificidades e pelo reconhecimento da língua de sinais. Os estudos linguísticos, entre eles o de Brito (1998), realizados na década de 1980, contribuíram para o reconhecimento e difusão da língua de sinais, como língua, e para a busca de redução de barreiras comunicacionais dos surdos, inclusive no ambiente familiar.

Foram muitas batalhas, até que em 2002, o reconhecimento da Libras<sup>2</sup> ocorreu, através da promulgação da Lei 10.436/2002. Em seu Art. 1º, ela é reconhecida:

[...] como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.  
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

O reconhecimento da Libras como segunda língua brasileira representa uma vitória da comunidade surda que, durante anos, foi privada do direito de uso de sua língua nos mais diversos setores sociais.

Brito (1998) esclarece que as línguas de sinais têm características e estrutura próprias, sendo a principal delas ser uma língua visual-espacial, que utiliza o canal visual e as expressões faciais e corporais na construção da comunicação. Assim, diferencia-se da língua oral, que utiliza o canal da audição e da fala como recursos comunicativos.

As línguas de sinais surgiram de maneira espontânea entre os surdos, de forma semelhante às línguas orais, podendo transmitir qualquer conceito. A pesquisadora afirma que:

As línguas de sinais são línguas naturais porque, como as línguas orais, surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque, devido à sua estrutura, permitem a expressão de qualquer conceito descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano (BRITO, 1998, p. 19).

Em 2010, outra questão importante para a acessibilidade dos surdos foi a regulamentação da profissão de tradutor-intérprete de Libras, pela Lei 12.319. Esse profissional é o mediador entre surdos e ouvinte, tendo competência, conforme consta no Art. 2º “[...] para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira

---

<sup>2</sup> A Libras não é a única língua de sinais utilizada no Brasil, havendo variedades de línguas visuais. Quadros (2019) a traz como sendo uma “língua de sinais urbana”, ou seja, uma língua de sinais de prestígio, que nem todos os surdos conhecem ou utilizam.

simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa”.

Assim, ao longo dos anos, o surdo vem buscando ser respeitado em sua especificidade linguística, inclusive no ambiente familiar, no qual, em maior parte dos casos, é constituído por ouvintes, que desconhecem a língua de sinais.

As barreiras comunicacionais, especificamente, no ambiente familiar, são trazidas na seção seguinte, a partir do relato de nossa vivência com aqueles que residem conosco.

## 2.2 VIVÊNCIAS COMO SURDOS: A INTERAÇÃO NO AMBIENTE FAMILIAR

Na sequência, serão apresentadas nuances de nossas vivências, como surdos, no ambiente familiar, relatando a maneira como interagimos com aqueles que estão mais próximos a nós e nosso contato com a língua de sinais.

### 2.2.1 Relato de Daniel

Me chamo Daniel Martins Braga Gomes, sou formado em administração, tenho 39 anos, casado, pai, pastor dos surdos e professor. Nasci no dia 21 de abril de 1982, em Curitiba, Paraná e, quando eu tinha três meses de idade, minha família se mudou para Ribas do Rio Pardo, no interior do Mato Grosso do Sul, devido ao trabalho do meu pai.

Como eu estava demorando a falar, meus avós maternos desconfiaram que houvesse algum problema. Quando eu tinha aproximadamente dois anos de idade, meu avô resolveu marcar uma consulta com um médico otorrinolaringologista, em Curitiba, durante o período de férias do meu pai. Foi detectada a surdez, mas o médico não soube explicar sua causa. Meus pais desconfiavam que poderia ter sido devido a uma febre alta que tive quando estava com um mês de idade, mas não tinham certeza.

O médico não pediu exames, mas recomendou que eu fosse levado a uma fonoaudióloga. Após atendimento com essa especialista, foi indicado o uso de aparelho auditivo. Posteriormente, meus pais marcaram uma consulta com outro profissional, em Campinas, SP, o qual solicitou exames que constataram o problema devido a uma lesão na cóclea, com surdez bilateral profunda.

A orientação passada a meus pais era de que não permitissem a sinalização, pois, segundo o médico, isso iria prejudicar a minha fala. Assim, durante minha infância, a comunicação era difícil, porque eu não sabia Libras, tendo que estar sempre tentando falar a língua portuguesa. Porém, depois de algum tempo, meus pais viram que eu não conseguia interagir oralizando.

Quando havia encontros de minha família, como quando íamos para a fazenda dos meus tios, eu sempre ficava em um canto, sozinho, olhando todos conversarem, sem entender o que eles estavam falando. As tentativas de interação eram sempre constrangedoras, eu não gostava. Foi muito difícil, pois tudo ao redor era do “mundo ouvinte”. A comunicação era difícil, meus pais tinham muita dificuldade em interagir comigo.

O início de minha vida escolar também foi muito complicado, devido ao não uso da língua de sinais e a obrigatoriedade da oralização, nas escolas especiais. Entre 1988 e 1989, comecei a frequentar o Centro de Reabilitação Sidney Antônio, CRESA, escola especial particular, mantida pela Universidade Tuiuti do Paraná, UTP, na qual a Libras era utilizada. Houve progresso na comunicação com a minha família, que aceitou o uso da língua brasileira de sinais.

Em minha infância e adolescência foi difícil o relacionamento com as pessoas, não conseguia fazer amizades, o que ocasionou um processo depressivo. Também tive muita dificuldade no relacionamento com os colegas da escola particular, não inclusiva, que frequentei, no Ensino Fundamental, pois não tinha tradutores/intérpretes de Libras. A falta de acessibilidade prejudicou muito meu processo de aprendizagem.

Durante o Ensino Médio, realizado no Instituto de Educação do Paraná Prof. Erasmo Pilotto, IEPPEP, escola pública, havia tradutores/intérpretes, o que foi fundamental para a melhora do meu aprendizado. Inclusive, nesta instituição, alguns professores sabiam Libras, o que facilitou a interação.

A depressão começou a ser superada, quando tinha, aproximadamente, 17 anos, após iniciar o convívio com a comunidade surda, com a qual aprendi Libras. A escola na qual cursei o Ensino Médio e a Igreja Batista de Curitiba também foram fundamentais nesse processo. A partir desse contato com outros surdos, meus pais e irmãos perceberam que a interação era possível, e começaram a aprender Libras. A interação no ambiente familiar melhorou, consideravelmente, apesar de ainda não ser como eu gostaria.

Em fevereiro de 2006, fui para Tibás, Costa Rica, estudar no Seminário para Líderes e Ministros Evangélicos, onde permaneci por quase sete meses. Depois que retornei da Costa Rica, em outubro do mesmo ano, mudei de Curitiba para Rio Branco, Acre, pois meu pai passou no concurso para docente da Universidade Federal do Acre (Ufac).

Em 2010, iniciei, na Igreja Batista do Bosque, como missionário e, após cinco anos, fui consagrado pastor pela Pra. Valéria Marques, passando a trabalhar na visitação e aconselhamento dos surdos, fazendo vídeos em Libras, com o intuito de evangelizar.

Me formei em administração pela Universidade Estácio de Sá, de Rio Branco, em 2015. Trabalhei na gravação de Bíblia em Libras, em Curitiba, pelo Instituto Expressão Surda, IES, em agosto de 2015. No ano de 2017, fui aprovado no SISU para ingressar no curso de Letras- Libras, da Ufac.

Atualmente, a comunicação com meus familiares melhorou, vários deles aprenderam Libras. Meus pais fizeram curso de língua de sinais e me sinto melhor quando conversam comigo utilizando minha língua. Tenho, inclusive, uma prima, que mora no sul do Brasil, e consegue atender a seus clientes surdos, sinalizando. Porém, ainda há momentos em que o entendimento não ocorre, gerando em mim angústia. Nos encontros de família, permaneço me sentindo deslocado, optando, às vezes, por não participar. Sei que são “mundos” diferentes e que, da mesma forma que é difícil para mim, é também para eles.

Hoje em dia, me sinto mais à vontade e confortável quando estou com meus amigos surdos e tradutores/intérpretes de Libras. E, o fato de ser casado com uma surda, facilita a interação, inclusive com nossa filha ouvinte. O ambiente familiar é o local onde interajo naturalmente, utilizando a língua de sinais, não sendo necessária a oralização.

### **2.2.2 Relato de Sebastião**

Durante minha infância, morei em uma fazenda, e a comunicação com minha família, nesse período, era difícil, especialmente, por ser o único surdo da casa. Meu pai e minha mãe não eram pessoas expressivas, o que tornava a comunicação muito restrita; quando eu tentava interagir com eles, o entendimento era difícil. Em relação aos meus quatro irmãos, tivemos muito contato, brincávamos

juntos. O meu quarto irmão sempre foi mais expressivo, apontando, brincando, explicando com mais clareza diversas questões para mim, sempre interagindo melhor.

Na adolescência, após mudança de cidade, passamos a ter contato com outros surdos. Junto comigo, meus irmãos e minha mãe começaram a aprender alguns sinais da Libras, observando a datilologia (uso do alfabeto manual) e as expressões. A comunicação começou a melhorar, pois na fazenda eram utilizados apenas gestos. O meu pai não aprendeu sinais, permaneceu apenas oralizando comigo.

Atualmente, sou casado com uma surda, e a interação em casa é através da Libras, inclusive com minhas filhas, que são ouvintes. As barreiras comunicacionais presentes em vários ambientes sociais, não existem em minha casa.

Como pôde ser percebido ao longo desse trabalho, os surdos vêm, no decorrer dos anos, tendo dificuldades para interagir socialmente, no ambiente familiar, escolar, como foi mostrado no capítulo anterior, e em diversos setores. Nota-se que a não aceitação e utilização da língua de sinais dificultam esse processo.

Assim, os estudos linguísticos tiveram, e continuam tendo, muita importância para que as línguas de sinais sejam aceitas, inclusive, os estudos relacionados à sua aquisição foram fundamentais, pois mostraram que, em um ambiente em que é utilizada, a aquisição das línguas visuais ocorre de forma natural.

Dessa forma, após a apresentação de como vem sendo nossa interação no ambiente familiar, serão trazidas questões relacionadas à aquisição das línguas de sinais e como ela ocorre com os filhos dos surdos, podendo ser eles também surdos, ou ouvinte.

### 3 AQUISIÇÃO DA LÍNGUA(GEM)

A língua(gem) tem uma propriedade de aquisição chamada universalidade da linguagem, que é a capacidade de toda criança, em condições normais de saúde, adquirir uma língua natural, sendo o processo de aquisição o mesmo, em qualquer língua, em modalidades orais ou visuais (CRAIN; LILLO-MARTIN, 1999).

Uma outra característica da linguagem, no que se relaciona à sua aquisição, é a chamada uniformidade, pois, as crianças de uma mesma comunidade, independente de receberem estímulos diferentes e vivenciarem experiências variadas, irão aprender a mesma língua (GROLLA, 2009). A pesquisadora também ressalta que:

[...] algumas crianças aprendem várias línguas, apesar de a maioria aprender apenas uma. Em comunidades onde mais de uma língua é falada, as crianças aprendem todas as línguas da comunidade. [...] a aquisição de linguagem é uma função do input. [...] Assim, a língua dos pais não determina que língua a criança falará; o que determina a língua da criança é a língua que é falada ou sinalizada ao seu redor (GROLLA, 2009, p. 4).

Assim, a criança que tem seus pais surdos aprenderá língua de sinais, desde que essa língua seja utilizada ao seu redor, ou seja, a depender do input, da língua utilizada à sua volta. Dessa maneira, reafirmando essa afirmação, Sacks esclarece que:

Nascemos com nossos sentidos; eles são “naturais”. É possível desenvolvermos sozinhos, naturalmente, as habilidades motoras. Mas não podemos adquirir sozinhos uma língua: essa capacidade insere-se numa categoria única. Não se pode desenvolver uma língua sem alguma capacidade inata essencial, mas essa capacidade só é ativada por outra pessoa que já possui capacidade e competências linguísticas. Com outra pessoa que a linguagem é desenvolvida (SACKS, 2010, p. 59).

Outra questão relacionada à aquisição da língua, refere-se aos estágios pelos quais as crianças passam durante esse processo. Independente da modalidade de língua, as etapas de aquisição são as mesmas, não havendo variação entre as sequências dos estágios, o padrão de progresso é idêntico.

São identificados, conforme apresenta Grolla (2009), quatro estágios no processo de aquisição de língua(gem). Nos meses iniciais de vida o bebê, mesmo sendo surdo, há o estágio do *balbucio*. Assim, ocorre a manifestação de sons que não têm significado, e movimentos com as mãos, nos surdos, que ainda não são



sinais. A partir dos 6 meses, percebe-se a produção de várias sílabas. Aos 10 meses, os sons começam a ser relacionados a significados, no caso das crianças ouvintes.

Com 1 ano de idade, ainda balbuciam, mas tem-se a produção das primeiras palavras, nomeando aquilo que o cerca, podendo ocorrer simultaneamente a gestos – utilizam *1 palavra* na produção de enunciados. Nesta etapa, de produção de uma palavra pelos ouvintes, a criança surda começa a produzir seus primeiros sinais, separadamente.

Com 18 meses, as crianças entram em um estágio no qual utilizam *duas palavras separadas*, que não são vistas como sentenças, para se comunicarem. Após um curto espaço de tempo, essas duas palavras passam a ser utilizadas com a mesma entonação, constituindo, neste momento, uma sentença. De forma semelhante, as crianças surdas entram na etapa de produção de dois sinais.

Aos dois anos, com um vocabulário um pouco mais amplo, cerca de 400 palavras, a criança produz sentenças básicas, utilizando *mais de duas palavras*. A partir dos 3 anos, as crianças começam a utilizar preposições, entre outros, e sentenças constituídas por mais de uma oração. Importante destacar que “[...] por volta dos 5 anos de idade as crianças já adquiriram a grande maioria das construções encontradas em sua língua materna” (GROLLA, 2009, p. 9), sendo capazes de falar/sinalizar um número ilimitado de sentenças.

Dessa forma, conforme foi apresentado, a aquisição da língua(gem) ocorre seguindo as mesmas etapas com surdos e ouvintes. A grande questão é como esse processo ocorre. Segundo a Teoria Inatista, proposta por Chomsky (1965), pesquisador norte-americano:

[...] as crianças possuem um conhecimento linguístico inato que as guia no processo de adquirir uma língua. Em outras palavras, as crianças já nascem “equipadas” com vários aspectos das línguas humanas, que são geneticamente determinados. [...] A linguagem humana [...] não é um objeto concreto no mundo, mas algo que existe em nosso cérebro (GROLLA, 2009, p. 16).

Assim, Chomsky criou uma gramática descritiva, com o objetivo de descrever os conhecimentos dos usuários de uma língua. O intuito desta pesquisa não é fazer uma análise descritiva da aquisição da Libras por filhos de pais surdos,

mas relatar se a língua de sinais é utilizada no ambiente familiar, favorecendo a aquisição pelos filhos, e como é a interação em casa.

### 3.1 LÍNGUA DE HERANÇA: A LÍNGUA QUE OS PAIS SURDOS DEIXAM PARA OS FILHOS

A língua de sinais é trazida por Quadros (2017) como uma língua de herança, um patrimônio familiar, que os pais surdos deixam a seus filhos, independentemente de serem eles também surdos, ou ouvintes. Aqueles ouvintes, que têm mãe e pai surdos, são identificados como CODAs, do inglês, Children of Deaf Adults (Crianças de Adultos Surdos). Quadros (2017) apresenta vivências de vários CODAs e suas experiências com seus pais, com a comunidade surda e com a língua de sinais.

As identidades dessas crianças desenvolvem-se em meio a surdos adultos e, também, a ouvintes adultos. Aí reflete-se a contradição na formação das identidades desses “ouvintes”, ao mesmo tempo em que essas crianças desenvolvem experiências auditivas enquanto ouvintes tornam-na diferente dos surdos colocando-as à parte da comunidade de forma sutil, assim como relatam Padden e Humphries (...). Em contrapartida, temos um tipo de “ouvinte” que se diferencia dos outros “ouvintes”, eles têm a experiência adquirida juntamente à comunidade surda e a seus familiares (SKLIAR; QUADROS, 2000, p. 44).

Em relação aos surdos que têm filhos surdos, destaca-se que, os pais surdos, como sinalizantes, são referências para os filhos, pois a criança terá contato com a língua de sinais desde os primeiros dias de vida e participará, junto com seus pais, da comunidade surda. Porém, os surdos nascidos em família cujos pais também são surdos, são bem reduzidos, em torno de 5% (QUADROS, 2017).

Retomando a questão da língua de herança, vale destacar que:

Essa língua não é a mesma da comunidade dominante, “dominante” no sentido de ter o maior número de pessoas utilizando uma língua com abrangência e número de falantes muito maior do que as línguas usadas em comunidades locais inseridas em determinado país (QUADROS, 2017, p. 1).

Assim, a língua portuguesa, no Brasil, é a língua utilizada em textos, documentos, noticiários; e a língua de sinais, utilizada por grupos minorizados, os surdos, que continuam lutando para ter acessibilidade em uma sociedade na qual, o

“dominante”, é ouvir e utilizar línguas orais-auditivas. Vargas e Souza destacam que:

[...] o surdo possui um diferencial linguístico, sendo usuário de uma língua visual espacial, a língua de sinais, língua essa que não é a utilizada pela maioria das pessoas do ambiente escolar e da sociedade, em geral. No Brasil, tem-se, como língua majoritária, a língua portuguesa, nas suas variedades oral e escrita (VARGAS; SOUZA, 2020, p. 278).

Os pais surdos deixam a seus filhos, como herança, a língua de sinais, com o legado importante, de propagarem essa língua, colaborando para que gerações futuras tenham a ela acesso.

Experiências de como essa herança vem sendo passada às novas gerações são trazidas na sequência do texto.

## **4 RELATOS DE PAIS SURDOS: AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM E USO DA LIBRAS EM AMBIENTE FAMILIAR**

A metodologia da pesquisa é apresentada nesta seção, juntamente com os relatos das entrevistas feitas com os pais surdos, nos quais se buscou descrever algumas de suas experiências com seus filhos, ouvintes e surdos.

### **4.1 METODOLOGIA DA PESQUISA**

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa sendo essa, de acordo com Flick (2009, p. 37), voltada “[...] a análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais”. Foi feito um estudo de caso, descritivo, que se caracteriza por ser um estudo profundo e exaustivo de um ou mais objetos determinados, sendo que através deste estudo buscou-se adquirir o conhecimento de forma ampla e detalhada (GIL, 2008).

O estudo de caso foi feito com pais surdos, convidados para relatarem, a partir de entrevistas, como é a interação no âmbito familiar, especificamente, com seus filhos, sendo esses surdos ou ouvintes, contando como foi a aquisição da Libras, entre outras. Foi elaborado um questionário que direcionou a pesquisa, sendo que esse foi encaminhado para os participantes, na modalidade escrita da língua portuguesa e sinalizado em Libras. As questões foram:

- 1) Você utilizou língua de sinais com seu(s) filho(s) desde os seus primeiros dias de vida?
- 2) Como você ensinava Libras para seu(s) filho(s) ouvinte(s)? Eram utilizados quais recursos para o ensino da língua de sinais?
- 3) Como foi a aquisição de Libras por seu(s) filho(s)?
- 4) Como foi seu contato com os membros da escola, na qual seu(s) filho(s) estuda(m)?
- 5) Quando seu(s) filho(o) começou(começaram) a estudar, como você fez para ajudar nas atividades escolares?

Cinco surdos foram entrevistados, sendo que, dentre eles, 3 têm filhos ouvintes e 2 têm filhos ouvintes e surdos. Em decorrência do momento em que a

pesquisa foi realizada, em meio à pandemia da COVID-19, as entrevistas foram realizadas por meio de vídeos/vídeo chamadas.

As respostas às questões foram dadas na modalidade escrita ou sinalizada, de acordo com a escolha do participante. Ao final, foi feita a descrição do que foi trazido pelos entrevistados.

Foram convidados pais surdos do Acre, que fazem parte da comunidade surda e que têm filhos, surdos e ouvintes (duas famílias) e outros pais que tem filhos ouvintes (três famílias). Cada pai falou sobre a interação com seus filhos, a aquisição/ensino da Libras, como foi a ida dos filhos para a escola, entre outros.

## 4.2 ENTREVISTA

Na seção seguinte, tem-se um apanhado das entrevistas realizadas com cinco surdos, dentre os quais os três primeiros (MARIA – 4.2.1; ARIEL – 4.2.2; BRUNO – 4.2.3) têm apenas um/uma filho/a, cada, sendo ouvintes; a VERONICA – 4.2.4 e a FORMIGA 4.2.5, têm filhos surdos e ouvintes.

### 4.2.1 Maria

A Maria relata que, quando descobriu a gravidez, percebeu a preocupação de sua família, devido à dificuldade de comunicação com os profissionais de saúde e em relação a como uma pessoa surda conseguiria cuidar de um bebê. Ela contou que, ao ir para casa, teve o apoio de familiares e amigos, especialmente nos momentos em que ia tomar banho ou dormir, visto não escutar o choro ou outros barulhos feitos pela criança. Com o passar do tempo, passou a cuidar da filha sem maiores dificuldades.

Em relação à língua de sinais, esclareceu que, mesmo antes da filha nascer, ela já sinalizava para ela, direcionando a mão para a barriga. Desde os primeiros meses de vida, a filha se mostrava muito atenta às mãos da mãe. A Maria relatou que sempre buscava sinalizar, fazendo devagar as configurações das mãos. Assim, a criança aprendeu a sinalizar, devido ao contato com a mãe, e a oralizar o português, devido ao contato com o restante da família.

A surda explicou que a filha, CODA, aprendeu a língua de sinais naturalmente, assim como os ouvintes aprendem a língua portuguesa, por meio do

contato e comunicação com a mãe, sem ser forçada. A Maria contou que mostrava diversos objetos para a filha e apresentava a ela o sinal.

Quando completou 1 ano, a criança começou a frequentar o berçário e, aos 3 anos, utilizava várias palavras no português. A mãe contou que a filha sempre gostou de estudar, aprendendo a ler e iniciando a escrita em língua portuguesa aos 5 anos.

A Maria explicou que percebe que a sociedade não acredita que os surdos sejam capazes de criar seus filhos e de que eles interajam utilizando língua de sinais. Contou que quando a filha a acompanhava em consultas médicas, palestras, seminários, na igreja, as pessoas perguntavam aonde ela fez curso. Porém, ela não precisou de curso, aprendeu pelo contato com a mãe surda, a aquisição foi natural, se tornando bilíngue. Esclareceu também que, atualmente, há muitos recursos, como celular, vídeos, livros, pesquisas, que colaboram para a interação com os filhos ouvintes e para que conheçam sobre os surdos.

#### **4.2.2 Ariel**

O Ariel contou que é casado com uma surda e, assim, em casa, a língua de sinais é utilizada para a comunicação entre eles e a filha. Dessa maneira, perceberam que primeiro a filha começou a sinalizar e, depois, a oralizar, sendo bilíngue. Aproximadamente, quando tinha 1 ano e meio, começou a fazer alguns sinais, como os de PEIXE, MAMÃE, PAPAI, ainda não com todos os componentes dos sinais. Explicou que, ele e a esposa, mostravam a ela as cores e sinalizam, assim, quando a filha se direcionava a eles, fazia da mesma forma, apontando para os objetos e fazendo o sinal.

Ele esclarece que a esposa não tem perda auditiva profunda, sendo assim, em alguns momentos utiliza o português, percebendo que a filha oraliza bem. Além disso, ela é pedagoga e desenvolve diversas atividades com a filha, como, por exemplo, apresentar imagens dos animais e seus sinais, e em seguida, apontar para as imagens para que a filha faça o sinal.

Explicou que a filha, atualmente com 3 anos, já percebeu que, para se comunicar com os pais, precisa sinalizar; com os primos e avós, oralizar. Falou também sobre a importância de os pais surdos sinalizarem para que os filhos possam aprender a língua de sinais, porém, que os pais não devem forçar seus

filhos ouvintes a serem intérpretes, buscando profissionais para esse serviço. Explicou sobre a vontade de terem outro filho, não sendo importante se será surdo ou ouvinte, pois o estímulo será o mesmo dado à primeira filha. Enfatizou ser fundamental a sociedade conhecer e respeitar os surdos.

#### **4.2.3 Bruno**

O Bruno relatou que, quando teve sua primeira filha, sua família demonstrou preocupação em como seria o cuidado de surdos com a criança. Porém, contou que explicou a eles que colocaria a filha ao seu lado, na cama, para poder sentir quando ela chorasse e, em outros momentos, estaria sempre atento ao bebê.

Contou que se casou com uma surda e em todos os momentos sinalizava. Enfatizou que sua casa sempre foi frequentada por muitos amigos surdos, o que foi um modelo visual importante para filha crescer sinalizando. Sempre mostrava imagens e/ou objetos para filha e seus sinais: a princípio ela observava e, com o passar do tempo, foi reproduzindo a sinalização; ele também perguntava a ela onde estava determinado objeto para que ela identificasse o sinal e apontasse.

Ele relatou que, quando a filha começou a frequentar a escola, a ajudava nas atividades e, quando tinha dúvida em alguma palavra do português, pedia apoio ao vizinho ou procurava a imagem correspondente, no Google. Assim, explicou que a filha foi aprendendo as duas línguas, o português, oral e escrito, e a língua de sinais. Porém, ele buscou não cobrar da filha que ela trabalhasse como tradutora/intérprete, disse ser importante que ela faça suas escolhas. Enfatizou, entretanto, que é importante para a filha ter conhecimento da Libras, da cultura surda e das leis que a eles estão relacionadas, pois isso é fundamental para a redução do preconceito em relação ao surdo.

#### **4.2.4 Victor**

O Victor explicou que teve cinco filhos, sendo que dois faleceram. Dos três filhos, dois são ouvintes e uma é surda. O mais velho, ouvinte, atualmente, com 10 anos, e a segunda, com 9 anos, surda, sabem Libras. O terceiro filho, também ouvinte, está com um ano, ainda em processo de aquisição. Explica que, ao levá-los

ao médico ou à escola, sempre utiliza a escrita do português para interagir com os ouvintes, para que os filhos percebam que os pais são capazes. Relatou que o primogênito se mostra mais preocupado em utilizar a Libras, pois já percebeu que é a forma de interagir com os surdos.

Contou que sua família ficou preocupada, quando ele teve os filhos, e questionou como seria possível a comunicação. Porém, esclareceu que o contato é normal e que, desde que eram bebês, ele sinalizava e apontava para mostrar os objetos, assim, o filho ouvinte, foi desenvolvendo a habilidade com as mãos, se tornando bilíngue.

Relatou que não ocorreu diferença de aquisição da língua de sinais pelo filho ouvinte e pela surda, pois a interação ocorreu naturalmente, desde que eram bebês, havendo aquisição de forma semelhante, por ambos. Enfatiza que sempre fez uso de materiais concretos para mostrar aos filhos os sinais, pois os recursos visuais são fundamentais. Esclareceu que sua filha surda estudou durante 3 anos no INES (RJ), depois foi para uma outra escola, na qual a Libras era utilizada com o auxílio de imagens, sendo aplicadas atividades adaptadas. Destaca que sempre ajudou a filha, estimulando-o também na escrita do português. Explicou que, durante a pandemia do Covid-19, as aulas ocorreram de forma virtual, pelo Zoom, sendo sinalizadas pelo profissional tradutor/intérprete de Libras, o que tornou as atividades possíveis.

Esclareceu que antes, quando era criança, as dificuldades eram maiores, devido à falta de materiais e das tecnologias. Atualmente, a filha surda se desenvolve e aprende com muita rapidez, devido aos muitos recursos existentes. Destacou, também, que as questões relacionadas aos surdos e à língua de sinais vêm sendo divulgadas, melhorando a percepção da sociedade e a acessibilidade para os surdos.

#### **4.2.5 Veronica**

A Veronica, venezuelana, relatou que seu pai era surdo e sua mãe, ouvinte, e que oralizavam e sinalizavam, normalmente, o que contribuiu para que ela fosse bilíngue. Após se mudar para o Brasil, se casou com um surdo, com quem teve dois filhos: o primeiro, surdo; e o segundo, ouvinte. Contou que ambos vêm aprendendo a língua de sinais com os pais, visto ser a língua que utilizam em casa; o filho mais velho oraliza com os avós.



Explicou que tem dificuldade de auxiliar o filho nas tarefas escolares, pois não conhece bem o português, mas tem auxílio de uma amiga tradutora/intérprete e que procura sempre utilizar recursos visuais para apresentar os sinais ao filho. Destacou que, atualmente, há muito recursos, o que facilita o estudo com o filho e a interação.

Destacou que é fundamental que os pais incentivem os filhos a serem bilíngues, e que respeitem a cultura surda e suas especificidades. Lembrou que seus pais a ajudaram muito, principalmente, a lidar com o preconceito, pois o surdo muitas vezes é visto como coitado e incapaz.

Contou que a dificuldade em relação a acessibilidade, a ausência de tradutores/intérpretes, nos mais diversos setores sociais, é comum nos dois países.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada teve como objetivo geral verificar como é a interação no ambiente familiar, entre pais surdos e seus filhos. Foram trazidas questões sobre a aquisição da língua de sinais por filhos surdos e ouvintes e a língua de herança que os surdos deixam aos seus, conforme pesquisas de Quadros (2017).

Enfatiza-se que a aquisição da língua de sinais ocorre de forma natural, a partir do contato com seus usuários. Sendo assim, a partir do uso, no ambiente familiar, os filhos aprendem a língua de sinais, se comunicando, naturalmente, com seus pais surdos. Isso pôde ser observado nas entrevistas feitas com os cinco surdos, que relataram que, apesar do receio dos familiares ouvintes, eles conseguiram interagir com seus filhos, tendo dificuldades normais do dia a dia familiar. Os pais surdos têm uma vida normal com seus filhos, pois esses se acostumam, desde bebês, com o uso de uma língua visual, a sinalização, as expressões faciais e corporais, não havendo estranhamento, nem preconceito.

Em relação à língua portuguesa, aqueles que são ouvintes, os chamados CODAs, a aprendem com os outros familiares e a comunidade que os cerca; os que são surdos, a aprendem, na modalidade escrita, ao irem para a escola. Assim, tendem a ser bilíngues.

Dessa maneira, o texto se faz relevante, para que a sociedade compreenda que as crianças de pais surdos se desenvolvem com as de pais ouvintes, sem prejuízo para os filhos, visto a língua de sinais ser completa e, através dela, se poder falar sobre qualquer assunto.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Decreto n. 5626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua de sinais - Libras e o Art. 18 da Lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 25 mai 2021.
- BRASIL. **Lei 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso em: 11 mai 2021.
- BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de línguas de sinais**. 2. ed. Rio de Janeiro: TB - Edições Tempo Brasileiro, 1998. 273 p.
- CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, Massachusetts, the MIT Press, 1965.
- CRAIN, Stephane; LILLO-MARTIN, Diane. **An Introduction to Linguistic Theory and Language Acquisition**. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.
- FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Coleção Pesquisa Qualitativa (Coordenação de Uwe Flick). Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2009.
- FREEMAN, Roger; CARBIN, Clifton; BOESE, Robert. **Seu filho não escuta? Um guia para todos que lidam com crianças surdas**. Brasília: Gráfica Valci Editora, 1999.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOLDFELD, Marcia. **A criança surda linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionistas**. São Paulo Plexus, 1997.
- GROLLA, Elaine. **Aquisição da Linguagem**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
- LABORIT, Emmanuelle. **O grito da gaivota**. Editorial Caminho, AS. 2 ed. Lisboa, 1993. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWVpbnxtYXRlcmIhbGRhYW5kcmVpYXxneDo2MjhiZGU3ZGJhNDU1MTRh>. Acesso em 15 jun. 2021.
- NEGRETTI, Natália. A importância da estimulação nos primeiros anos de vida. **Revista na Mochila**, 2016. Disponível em: <https://www.revistanamochila.com/single-post/2016/04/13/a-import%C3%A2ncia-da-estimula%C3%A7%C3%A3o-nos-primeiros-anos-de-vida>. Acesso em 20 jun. 2021.
- OLIVEIRA, Helleni Priscille de Souza Ferreira. **Pais ouvintes de filhos surdos: perspectivas entre dois mundos**. Editora Arara Azul. Revista Virtual de Cultura Surda. 24 ed., 2019. Disponível em: <https://editora-arara->

azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/2%C2%BA%20Artigo%20da%20Revista%2024%20de%20FERREIRA%20OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**: Linguística para o ensino superior. 5. São Paulo: Ed. Parábola, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de herança**: língua brasileira de sinais. Porto Alegre: Penso, 2017.

ROCHA, Solange Maria da. **O INES e a educação de surdos no Brasil**: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. Rio de Janeiro: Editora INES, 2008.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. Manaus: INEP, 2002.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTIAGO, Larissa Meira, *et al.* **Surdez e família**: a comunicação entre surdo e ouvinte no contexto familiar. Amargosa, 2019. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/eventos/ieplis/wp-content/uploads/sites/38/2020/03/11-SURDEZ-E-FAM%C3%8DLIA.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2021.

SKLIAR, Carlos; QUADROS, Ronice Müller de. Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos. **Estilos da clínica**, v.5, n.9, p.32-51, 2000.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A Educação do Surdo no Brasil**. São Paulo: EDUSF, 1999.

STROBEL, Karin. **História da Educação de Surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

VARGAS, Vivian Gonçalves Louro; SOUZA, Shelton Lima de. O (des) pertencimento dos sujeitos surdos no ambiente escolar "ouvinte": identidades, discursos de minorização e resistências. In: DICKMANN, Ivanio. **Educar é um ato de amor**. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020. p. 271-282.

VASCONCELOS, Letícia. **Instituto Nacional De Jovens Surdos De Paris**: Um Pouco de História. Jeitos de ser e conviver, 2015. Disponível em: <http://jeitosdesereconviver.blogspot.com/2015/08/instituto-nacional-de-jovens-surdos-de.html>. Acesso em: 5 jul. 2021.